

Realidade, imagem, virtualidade

No poema "A realidade e a imagem", Manuel Bandeira, nos convida a transitar distraidamente por mundos distintos, um refletido no outro, ou dar-se conta da distração alheia ante ao que ocorre, na situação confortável da testemunha a perceber uma situação análoga a dos acorrentados da caverna de Platão, alienados ao que se passa fora de uma realidade restrita:

A REALIDADE E A IMAGEM

O arranha-céu sobe no ar puro lavado pela chuva
E desce refletindo na poça de lama do pátio
Entre a realidade e a imagem, no chão seco que as
separa,
Quatro pombas passeiam.

Manuel Bandeira (1886-1968)

Como uma fotografia, o poema nos oferece uma diversidade de possibilidades interpretativas. Uma delas se remete à própria essência da criação da imagem versus "o real": o edifício seria o real, o reflexo, a fotografia, e os pombos, aqueles que passam pelo que veem e podem traçar muitas possibilidades, a depender do que há dentro, de suas perspectivas. Não é a toa que Bandeira é conhecido por alguns como "o poeta arquiteto": imagens são construções, e tanto a poesia como a fotografia bebem deste mesmo liquor vital.

Nesse sentido, José de Souza Martins sintetiza a ideia de que "a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente **dependente** da imagem" (grifo

meu) (MARTINS, p. 35). Declara, assim, o conjunto de associações, na fotografia, entre esta e a cotidianidade, a representação social, a memória do fragmentário, tudo isso inserido no modo de ser contemporâneo. Nestas associações, se oculta e se revela, produzindo uma tensão entre ambas, que apenas no seu conjunto satisfaz nossa “necessidade de vínculos entre os momentos desencontrados do todo impossível”.

É afirmativo em *Como pensam as Imagens*, de Etienne Samain, que o pensamento em torno da imagem enriqueceu com as singularidades que levantam os diversos suportes da comunicação humana: “som, imagens, fala, escrita e outras operações lógicas de nossos órgãos sensoriais, de que, ainda hoje, temos um conhecimento muito relativo ainda”.

Oferecer ao campo da imagem um resgate ao sensorial como tão importante como o cognitivo motivou Samain. Para o autor, um elemento de enriquecimento em suas reflexões epistemológicas sobre imagens é a interação entre *pensamento selvagem* (remetendo-se a Claude Lévi-Strauss), profundamente imagético e o *pensamento domesticado* pela escrita (aqui sua referência é Jack Goody). Sua convivência com culturas indígenas ágrafas do Brasil, “predominantemente sensível à observação e a imaginação”, entre 1977 e 1982, contrastou com sua “vida anterior”¹ na Bélgica e sua cultura grafocêntrica e cartesiana (Samain 2012 p.13).

Essa valorização sensorial abre caminho para o diálogo que a experiência imagética da fotografia vivência no mundo online. Samain “ouve” as conversas entre uma foto sérvia tirada em 1990 e outra do ano de 2011, que trocam sobre diferentes experiências de desolação. Em tempos de isolamento social, me pergunto se o ocorrido na fotografia mais recente já ocupa um espaço maior do que o observado naquela tirada duas décadas antes. As fotografias, ao se comunicarem pela mediação da tela, produzem um efeito expressivo diferente no humano.

¹ Ver: SAMAIN, ETIENNE. Patrimônio Belga no Brasil. In: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator/samain-etienne>. Última visualização: 03/10/2020.

Apartado de suas multissensorialidades, a foto apenas sendo “vista”, desatrelada de sons, cheiros, da dimensão tátil da vida, e principalmente, do contato com outros humanos, não pode oferecer a mesma experiência. A imagem online pensa diferente, e talvez, já não seja da mesma espécie que a fotografia impressa. O mesmo vem ocorrendo desde as medidas de isolamento para a contenção da pandemia, quando boa parte das experiências de interação, transferiram-se para suas versões eletrônicas online. Igualmente, os elementos sensoriais são perdidos ou, quando muito, passam a ferrenho jugo do sentido visual.

A indagação, aqui, é sobre o quanto o ser humano já não é mais o mesmo, à medida que seu suportes de interação se alteraram.

Referências:

BANDEIRA, Manuel. Antologia Poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

MARTINS, José de Souza. A fotografia e a vida cotidiana; ocultações e revelações.

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

Sobre o autor:

Arnaldo V. Carvalho, pedagogo e terapeuta, mestrando em educação pelo PROPED/UERJ. Pesquisa o envolvimento e as redes docentes que giram em torno de jogos de tabuleiro como recurso educacional.